



As relações entre o Departamento Administrativo do Serviço Público e a Biblioteca Nacional na formação de bibliotecários no Brasil

The relations between the Departamento Administrativo do Serviço Público and the Biblioteca Nacional in the librarians' formation in Brazil

Maria Fernanda Nogueira

Mestranda em História, Política e Bens Culturais pela
Fundação Getúlio Vargas (FGV). Bibliotecária da
Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

E-mail: nogueira.mfernandes@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar as relações entre o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e a Biblioteca Nacional (BN) na formação de bibliotecários no Brasil na década de 1940. A partir de levantamento bibliográfico e de análises documentais do arquivo histórico da FBN e do fundo do então Ministro da Educação e Saúde Pública Gustavo Capanema, encontramos indícios de como o Curso de Biblioteconomia da BN e o do DASP atuaram em conjunto na capacitação dos alunos e funcionários bibliotecários. Destacamos, por fim, como essa troca pode ter gerado frutos para a posterior remodelação do currículo do Curso de Biblioteconomia, em 1944.

Palavras-chave: Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Departamento Administrativo do Serviço Público. História da Biblioteconomia Brasileira. Formação de bibliotecários.

ABSTRACT

This paper aims to present the relations between the Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) and the Biblioteca Nacional (BN) of Brazil in the librarians' formation in the 1940s. Based on the literature review and the analysis of documents of the historical archive of FBN and the archive of the former Minister of Education and Public Health Gustavo Capanema, we found evidence of how the Librarianship Course at the BN and DASP worked together to train students and library staff. Finally, we raise the hypothesis that this exchange may have borne fruit for the subsequent remodeling of the Library Science Course curriculum in 1944.

Keywords: Librarianship Course at the Biblioteca Nacional. Departamento Administrativo do Serviço Público. History of Brazilian Librarianship. Training of librarians.

1 INTRODUÇÃO

O papel do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (BN) na formação de bibliotecários no Brasil já foi bastante revisitado na literatura especializada. Primeiro curso de biblioteconomia da América Latina e terceiro do mundo, efetivamente iniciado em 1915, ele foi responsável por diplomar uma grande parcela dos profissionais que

atuaram posteriormente na própria instituição e consolidaram-se como nomes de referência na produção de conhecimento da área.

A respeito do fazer e do ensino da biblioteconomia no país na primeira metade do século XX, encontramos com algum consenso a ideia de que existiam dois modelos hegemônicos de aplicação teórica: o francês, voltado para uma ideia de patrimônio, nacionalidade e formação cultural; e o estadunidense, focado na concepção da biblioteca pública e do aprimoramento das técnicas de organização e acesso.

Aponta-se o Instituto Mackenzie, em São Paulo, como o principal representante do modelo estadunidense, sob orientação da bibliotecária nascida lá, Dorothy Muriel Geddes Gropp, enquanto a BN seria a perpetuadora da formação francesa. Esse cenário apenas mudaria, enfim, a partir do Decreto-Lei nº 6.440, de 27 de abril de 1944, que dá nova organização ao Curso de Biblioteconomia da BN e aproxima-o da orientação tecnicista dos Estados Unidos da América (EUA).

Muito embora esse caminho da história da biblioteconomia brasileira esteja de algum modo considerado consolidado, salvas ressalvas em relação à dicotomia entre os ditos modelos de erudição e técnica, a contextualização realizada nos trabalhos desenvolvidos até então é ainda fundamentalmente cronológica. Sinalizam-se as mudanças ocorridas em cada ano como dados fechados em si, sem análises mais profundas sobre as motivações e os processos.

Nosso objetivo com esse trabalho, portanto, é tentar desenrolar com maiores nuances esse momento específico da mudança do currículo do Curso de Biblioteconomia da BN, entendido como um ponto de virada para o abandono da formação humanista europeia e adesão ao modelo tecnicista estadunidense. Por que essa escolha foi feita? Qual a influência real da biblioteconomia de Melvil Dewey (1851-1931) e como ela chegou ao Rio de Janeiro, adentrando os portões da Biblioteca Nacional?

Trazemos como principal hipótese a relação estreita que se estabeleceu entre o Curso de Biblioteconomia da BN e o Curso de Biblioteconomia do DASP, criado em 1940. A importância da biblioteca do DASP e seu legado para a biblioteconomia brasileira também já foram abordados em outras oportunidades, com especial destaque para a tese e demais trabalhos de Nanci Oddone sobre as contribuições de Lydia de Queiroz Sambaquy. Entretanto, pouco se menciona sobre o Curso de Biblioteconomia que o DASP promoveu para bibliotecários auxiliares e como essa formação entrecruzou-se com a da própria BN.

A pesquisa, ainda em andamento, pretende apresentar o que já foi encontrado dessa troca, e qual era o contexto de pensamento teórico da biblioteconomia no Rio de Janeiro daquele período. Acreditamos que essa mudança tão significativa no fazer bibliotecário da década de 1940 necessita de maiores aprofundamentos, uma vez que entendermos os contextos e as práticas do passado auxiliam a compreender melhor nosso presente enquanto profissionais situados socio-historicamente.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa até então é de caráter qualitativo, através de um levantamento bibliográfico e documental. Realizamos primeiramente uma revisão da literatura especializada a respeito do histórico do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional e do ensino e formação de bibliotecários no Brasil, com especial enfoque para o cenário do Rio de Janeiro. A seguir, analisamos fontes primárias sobre o Curso de Biblioteconomia presentes no arquivo histórico da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), custodiado na Divisão de Manuscritos, e também o fundo Gustavo Capanema, custodiado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Considerando que o DASP era um órgão ligado diretamente ao Governo Federal, encontramos alguns documentos de relevância que foram encaminhados a Capanema enquanto Ministro da Educação e Saúde Pública na época.

A partir deste levantamento, realizamos um entrecruzamento das fontes a fim de mapear se a documentação encontrada nos acervos consultados encontra-se refletida nos textos e produções sobre a história da biblioteconomia e sobre o Curso de Biblioteconomia da BN ou do DASP.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Criado em 1911, o Curso de Biblioteconomia da BN foi originalmente desenvolvido na intenção de capacitar a mão de obra interna da instituição. Começou a ser esboçado no princípio do século XX, a partir de uma necessidade apontada pelo então diretor Manoel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956) de aumento do quadro funcional (Silva, 1904, p. 365). A ideia, assim, era formar novos profissionais aptos a comporem o corpo de trabalho especializado da biblioteca.

Para cumprir esse objetivo, as aulas oferecidas foram divididas de acordo com as seções de guarda de acervo existentes, e os professores eram os próprios chefes responsáveis por cada uma. O acúmulo dessas duas funções tornou-se um problema a longo prazo. Não recebendo nenhum adicional de remuneração, os técnicos/professores se posicionaram contra continuarem lecionando no Curso Technico, criado a partir da primeira reforma do Curso de Biblioteconomia, em 1922, que tentou unificar a formação de profissionais para a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu Histórico Nacional. Mesmo com alunos inscritos para a primeira turma em 1923, Constâncio Antônio Alves e Mario Marinho de Carvalho Behring apresentaram escusas justificadas para suas ausências como professores, o que revogou a participação da BN no novo modelo (Souza, 1923).

Com a falência do Curso Technico, o Curso de Biblioteconomia só foi retomado em 1931, novamente voltado apenas para a educação de bibliotecários. Seguiu com algumas poucas mudanças, a mais notável sendo a extensão do curso para dois anos, até a década de 1940. Com o Decreto-Lei nº2.166, de 6 de maio de 1940, ocorre o desdobramento da carreira de bibliotecário em duas: Bibliotecário e Bibliotecário-Auxiliar. Mais um pouco adiante, em 1944, uma grande reforma curricular é estabelecida a partir do Decreto-Lei nº6.440, de 27 de abril. Nela, começam a aparecer nas finalidades do curso termos como “organização e direção” de bibliotecas e “orientação técnica”, o que configuraria a adesão do Curso de Biblioteconomia da BN ao modelo de formação estadunidense.

O que ocorreu na década de 1940, enfim, que desenhou essas alterações? Uma vez que a vertente de Dewey existia na capacitação de bibliotecários paulistas desde 1929, por que adentra mais de 10 anos depois no Rio de Janeiro? Conforme menciona Oddone (2013, p. 85):

A discussão em torno da suposta disputa que teria existido entre a biblioteconomia de São Paulo e a biblioteconomia do Rio de Janeiro (Castro, 2000; Gomes, 2008) não esgotou as evidências disponíveis. Em geral, os autores indicam como causa dessa divergência as distintas influências sofridas pelos dois primeiros cursos profissionais regulares criados no Brasil: o curso da Biblioteca Nacional (1915), de orientação francesa; e o curso do Departamento de Cultura de São Paulo (1936), de orientação americana. Essa discussão contemporânea tem encoberto o papel do DASP como um dos atores envolvidos na articulação da rede que visava emancipar a biblioteconomia como campo profissional no Brasil. A verdade é que raramente se menciona o curso do DASP (1940) quando se analisa essa disputa.

Em coaduno com essa visão, entendemos que parte da resposta às perguntas sobre a mudança do Curso de Biblioteconomia da BN vem justamente da influência do DASP e do projeto político de modernização da administração pública brasileira, encampado a partir da década de 1930 com o governo de Getúlio Vargas (1882-1954).

O DASP foi criado pelo Decreto-Lei nº579, de 30 de julho de 1938. Seu objetivo era comandar uma reforma administrativa “do ponto de vista da economia e eficiência” (Brasil, 1938) no serviço público brasileiro, com o discurso de que os moldes adotados durante a Primeira República (1889-1930) eram antiquados e atrasados. Brasil, Cepêda e Medeiros (2014, grifo dos autores) apontam a fundação do DASP sob esse aspecto da modelação do pensamento político do país, para além de uma instituição meramente normativa:

uma instituição a partir do campo das ideias e dos projetos políticos em disputa, capaz de articular e reproduzir uma “*intelligentsia*” pública nacional dotada de teoria, métodos e função social. Ressalta-se, assim, a *dupla* natureza política do DASP: como *resultado* de uma disputa, muitas vezes já destacada, na direção de um fortalecimento das capacidades estatais, [...] mas também conformador de uma *visão* de administração pública ancorada na atribuição de função (e reconhecimento) dos administradores públicos como *state makers*, enquanto atores dotados de amplas responsabilidades no projeto de mudança social orientadas pela ação estatal.

Assim, construía-se uma intenção de nação que se pretendia moderna em suas ideias e práticas. Sabemos, por outro lado, que a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcou o começo de uma mudança na configuração da hegemonia mundial (Lorefice, 2015). A Europa, antes vista como modelo civilizatório por excelência, perdeu parte de sua influência cultural a partir da queda do seu sistema monetário. Em seu lugar, estabeleceu-se a ascensão dos EUA, que fincou seus pilares na propaganda do alto consumo e contra o “puritanismo” vigente na economia mundial, movimento que ficou conhecido como o *american way of life*.

Evidentemente, o liberalismo econômico estadunidense estava a par com uma concepção de modernidade que adentrou a lógica do funcionamento administrativo brasileiro. Com o discurso de eliminação do clientelismo que vigorava no serviço público nacional, o DASP atuou no papel de implantação de uma burocracia organizadora de uma elite técnica e especializada. Conforme afirma Rabelo (2011, p. 135):

Essa elite técnica também se apropriava de teorias científicas norte-americanas, o chamado *scientific management* ou administração

científica, teorias recentes à época de implementação no Brasil, o que conferia uma identidade específica ao grupo, associada à conjugação de novas técnicas, estudos e aplicações de teorias presentes em modelos estrangeiros, tornando esse grupo detentor de um saber científico altamente especializado e, portanto, diferenciado no funcionalismo federal.

O DASP surgiu como órgão para concentrar e consolidar, assim, um projeto de governo de Vargas que englobava a capacitação como dever do Estado. Não foi a única ação nesse sentido, inclusive. Antes, já em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, o qual Gustavo Capanema (1900-1985) chefiou entre 1932 e 1945, “demonstrando uma intencionalidade governamental que respaldava a continuidade política de modernização da educação” (Murguia, 2013, p. 5). Foi também nesse contexto que o próprio Curso de Biblioteconomia da BN foi retomado, a princípio, conforme mencionamos, em 1931, após o período de hiato do não-funcionamento do Curso Technico. Esse período de transição da inspiração geopolítica na produção do conhecimento e na formação profissional é descrito também por Fonseca (1979, p. 35):

A influência europeia persiste até 1930, tanto sobre a Biblioteconomia como em tudo o mais. A Semana de Arte Moderna, em 1922, foi, como se sabe, profundamente marcada pelos movimentos europeus de vanguarda literária e artística. [...] O interesse pelos Estados Unidos que se nota a partir dos anos 30 veio da própria Europa.

Para levar adiante esse programa de alinhamento às tendências globais, o governo federal incentivou, através de diversas medidas, inclusive com promulgação de decretos-lei para missões de estudos, o intercâmbio da administração brasileira em outros países, em especial nos EUA. Foi o que ocorreu, enfim, com Sylvia de Queiroz Grillo, enviada, “com bolsa do governo brasileiro, para completar o curso de biblioteconomia” (Oddone, 2013, p. 78) nos EUA. Sylvia Grillo foi a primeira encarregada da biblioteca do DASP e, segundo Oddone (2013), tornou-se bibliotecária por sugestão do próprio Gustavo Capanema, quem acreditava que existia uma carência de pessoal especializado no país para o desenvolvimento das bibliotecas brasileiras.

Lydia de Queiroz Sambaquy, que posteriormente assumiu a direção da biblioteca do DASP após afastamento de Sylvia, também seguiu o mesmo caminho, e chegou a afirmar em uma carta a uma amiga, em 1940: “A Biblioteca do DASP tem trabalhado e ainda trabalha, ardorosamente, junto ao governo para que sejam criadas oportunidades de viagem aos Estados Unidos aos bibliotecários” (Sambaquy, 1940 *apud* Oddone, 2013, p. 82).

Torna-se evidente, portanto, a influência que o modelo de biblioteconomia estadunidense exerceu dentro do corpo técnico e das práticas da biblioteca do DASP durante o Estado Novo. Nos relatórios das atividades do DASP é possível encontrar “biblioteconomia” dentro dos cursos selecionados para viagens ao estrangeiro (Departamento Administrativo do Serviço Público, 1941, p. 81). Ademais, em 1942, a seção do relatório destinada às bibliotecas apresentou um panorama considerado como a situação atual das bibliotecas federais onde se afirma:

foi em parte graças à colaboração da biblioteca do D.A.S.P. que se pôde rapidamente formar um pequeno grupo de pessoas identificadas com a moderna técnica da administração, às quais cabe neste momento a magna tarefa de instalar o mecanismo administrativo brasileiro sôbre bases mais eficientes. (Departamento Administrativo do Serviço Público, 1943, p. 28)

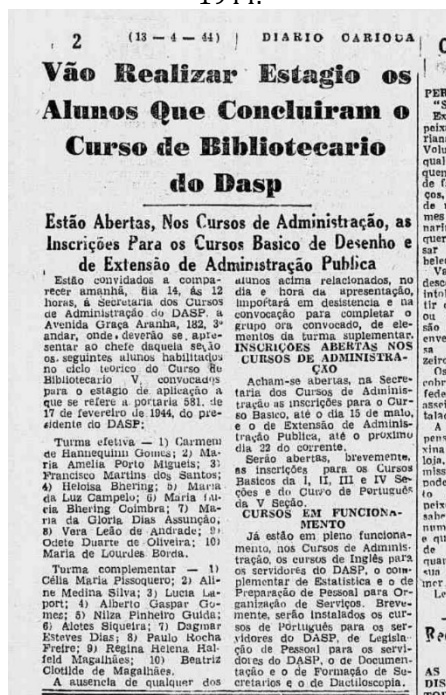
Para exercer essa tarefa de modernização dos serviços de bibliotecas brasileiras, o governo federal conferiu ao DASP a função de capacitação dos bibliotecários-auxiliares, cargo criado a partir da cisão efetuada pelo Decreto-Lei nº2.166, em 1940. Foi assim que surgiu o curso de especialização em biblioteconomia do DASP, fundado pelo Decreto nº6.416, de 30 de outubro de 1940, que visava:

aperfeiçoar o conhecimento dos funcionários nas seguintes disciplinas:

1. Catalogação e Classificação;
2. Administração e organização de bibliotecas;
3. Bibliografia e referência. (Brasil, 1940)

Com duração de seis meses, esse curso ofertava a possibilidade de que os então bibliotecários-auxiliares pudessem, ao concluir, pleitear uma nomeação para a classe inicial da carreira de bibliotecário. Ademais, estipulava que a instrução seria preferencialmente de caráter prático, podendo ser utilizadas para isso tanto bibliotecas oficiais quanto particulares. Nesse aspecto, diferente da grade de formação do curso da BN, o curso do DASP oferecia, após o ciclo teórico, um período de estágio, conforme podemos encontrar no recorte do jornal *Diário Carioca* abaixo:

Figura 1 – Chamamento para estágio dos alunos que finalizaram o Curso de Biblioteconomia do DASP, em 1944.



Fonte: Diário Carioca, Rio de Janeiro, ano 17, n. 4.853, 13 abr. 1944. Disponível na Hemeroteca Digital.
Descrição da imagem: Trecho de jornal datilografado, em cor preta, composto de duas colunas com uma manchete acima, em fonte maior: “Vão realizar estágio os alunos que concluíram o Curso de Bibliotecário do Dasp”.

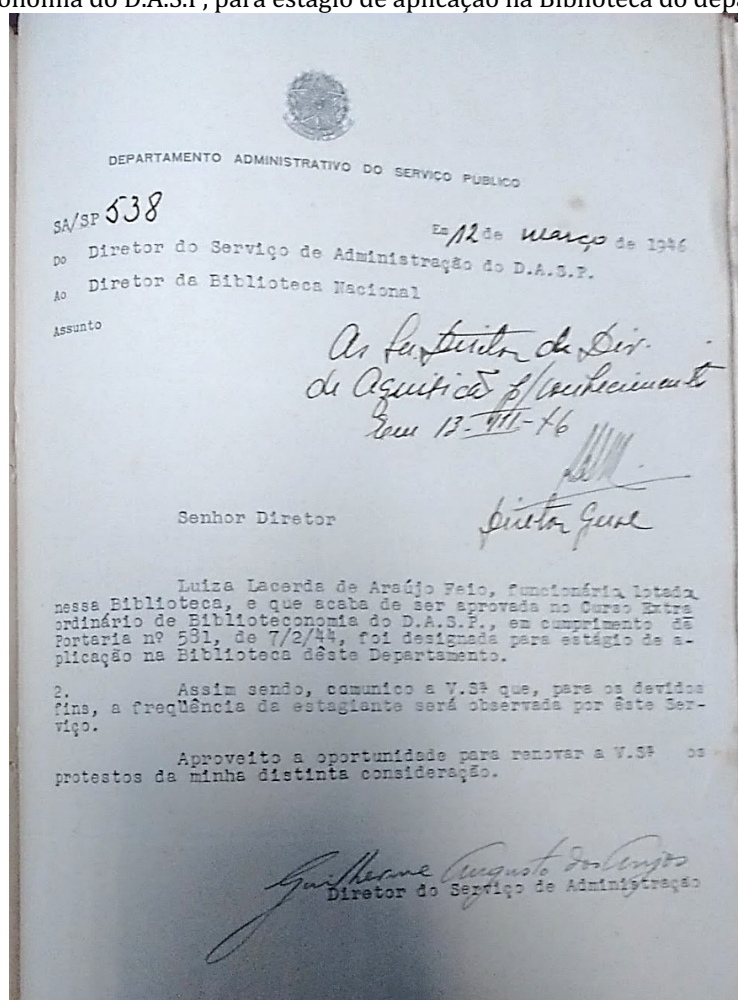
Resgatando essa conjuntura, cabe frisar que, embora a literatura sobre o histórico da biblioteconomia brasileira frequentemente faça uma aproximação entre o Instituto Mackenzie, o Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e o Curso do DASP, pautada exclusivamente na adoção do modelo teórico aplicado nos EUA (Mueller, 1985, p. 5; Weitzel, 2014, p. 126; Castro, 2000, p. 83), as intenções e os processos por detrás deles eram claramente distintos. O princípio do DASP não era simplesmente aderir a uma prática diferente de ensino, mas sim defender um projeto *nacional* de biblioteconomia, que deveria ser implementado em todo o país para que pudessemos considerar o Brasil um lugar moderno em relação ao funcionamento e organização de nossas bibliotecas.

Posto isso, fica mais claro pensar porque o Curso do DASP obteve uma influência decisiva na reforma do Curso de Biblioteconomia da BN, diferente do Instituto Mackenzie e da linha paulista que existiu anteriormente. Conforme afirma Oddone (2006, p. 47), “[e]mbora a história da biblioteconomia e da documentação no Brasil simule uma longa e contínua série de fatos que se encadeiam com precisão e naturalidade, a trajetória da área se caracteriza por seguidas rupturas”. Defendemos, assim, que o contexto que permeou

as mudanças do ensino da biblioteconomia no Rio de Janeiro estava mais envolto em uma ideia de ruptura com a Primeira República, na qual o DASP possuiu um papel de centralidade, do que uma espécie de “evolução” natural e propagação de um modelo teórico supostamente mais adequado.

Na documentação do arquivo histórico da FBN é possível encontrar diversos entrecruzamentos entre as duas instituições. Cursos de aperfeiçoamento do DASP eram ofertados através de circulares aos presidentes, diretores-gerais, chefes de repartições e demais representantes da administração pública para que fossem divulgados entre os trabalhadores. Também podemos encontrar ofícios de envio de funcionários da BN, aprovados no Curso Extraordinário de Biblioteconomia do DASP, a estágios em bibliotecas do departamento, conforme imagem a seguir:

Figura 2 – Ofício do Diretor do Serviço de Administração do D.A.S.P. ao Diretor da Biblioteca Nacional, em 12 de março de 1946, encaminhando Luiza Lacerda de Araújo Feio, aprovada no Curso Extraordinário de Biblioteconomia do D.A.S.P., para estágio de aplicação na Biblioteca do departamento.



Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional - Divisão de Manuscritos (FBN).

Descrição da imagem: Folha de ofício datilografada, texto justificado na cor preta, com logo do Departamento Administrativo do Serviço Público na parte superior, Diz o texto: Senhor Diretor, Luiza

Lacerda de Araújo Feio, funcionária lotada nessa Biblioteca, e que acaba de ser aprovada no Curso Extraordinário de Biblioteconomia do D.A.S.P., em cumprimento da Portaria nº581, de 7/2/44, foi designada para estágio de aplicação na Biblioteca deste Departamento. No parágrafo seguinte: Assim sendo, comunico a V. S.a. que, para os devidos fins, a frequência da estagiante será observada por este serviço. No parágrafo seguinte: Aproveito a oportunidade para renovar a V.S.a. os protestos da minha distinta consideração. Ao final da folha, alinhado à esquerda, assinatura manuscrita de Guilherme Augusto dos Anjos com o texto datilografado abaixo: Diretor do Serviço de Administração. A folha ainda possui anotação manuscrita na cor preta na parte superior esquerda, datada de 13 de março de 1976, com encaminhamento para conhecimento.

Nas folhas de relação dos funcionários da biblioteca, encontramos também registros de afastamentos que ilustram bem toda essa movimentação da década de 1940. Além de nomes que estão sinalizados como frequentando o “Curso de Bibliotecário (D.A.S.P.)” ou “À disposição do D.A.S.P.”, podemos ver alguns com a anotação “Nos Estados Unidos da America do Norte”, de acordo com a figura abaixo. Briquet de Lemos (2015, p. 44) já havia comentado essa transição ao dizer: “Em aproximadamente cinco anos a quantidade de profissionais que foram aos EUA superara a de todos os que haviam visitado, em caráter profissional, a Europa.”

Figura 3 - Lista de funcionários da Biblioteca Nacional da década de 1940, com motivos de afastamento.

12	229.187	"	I	Maria da Penhaaddock Lobo de Afonseca	
13	"	"	H	Otávio Calasans Rodrigues	
14	210.142	"	H	Adolfo de Miranda Paschoa	Nos Estados Unidos da America do Norte
15	210.699	"	H	Alvaro Freitas dos Santos	
16	211.741	"	H	Agal de Medeiros	
17	218.484	"	H	Eustaquio Carmo	
18	219.584	"	H	Felippe de Souza	
19	223.892	"	H	Jorge Leite Bandeira	Serve de Secretário
20	235.952	"	H	Renato Paulo de Melo Barreto	
21	211.238	"	G	Antonio José de Freitas	
22	215.855	"	G	Cecilia Helena Doro Hagley	A disposição do D.A.S.P.
23	215.906	"	G	Coluta de Manequin Gomes	
24	227.372	"	G	Laudelino Pedro de Campos	
25	238.742	"	G	Vera Barbosa de Oliveira	Nos Estados Unidos da America do Norte
26	"	"	G	Alcira Cabral Barreira Cravo	Licenciada para tratar de interesses partic.
27	215.096	"	F	Bernardino Cariooca	
28	224.408	"	F	José Maria da Silva Reis	
29	228.691	"	F	Mancel Afonso Braga	
30	230.017	"	F	Maria Antonieta de Mesquita Barros	Curso de Bibliotecario (D.A.S.P.)
31	238.763	"	F	Vicente Humberto Mangia	
32	211.885	" aux.-inte	E	Aurora Barros de Araújo Vieira	
33	215.932	" " "	E	Cibele de Manequin Gomes	
34	221.649	" " "	E	Heloisa Rago de Freitas Fontenels	
35	228.690	" " "	E	Mancel Adolfo Wanderley	
36	229.098	" " "	E	Maria Antonieta de Magalhães Nequiao	
37	229.100	" " "	E	Maria Eugénia Quaresma	

Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional - Divisão de Manuscritos (FBN).

Descrição da imagem: Parte de folha datilografada na cor preta com uma tabela, dividida em seis colunas.

A primeira com números em ordem crescente, de 12 ao 37. A segunda com números variados de matrícula, de seis dígitos cada. A terceira com diversas aspas, indicando continuidade da informação anterior, e um único “aux.-inte.” no número 32. A quarta coluna inclui letras em caixa alta, alternando entre I, E, G, F e H. A quinta coluna inclui os nomes dos funcionários e a sexta contém descrição de motivos de afastamento de seis deles.

Um dos nomes no Rio de Janeiro que fez essa viagem, citado por Lemos (2015, p. 44) e que aparece na folha com a notificação de afastamento é Otávio Calasans Rodrigues

(n. 1893). Calasans Rodrigues, bibliotecário da BN, foi também professor do Curso de Biblioteconomia. Em 1939, ministrou temporariamente a disciplina “Iconografia e Cartografia”, que era de responsabilidade de Floriano Bicudo Teixeira. Depois da reforma curricular de 1944, tornou-se professor oficial da matéria “Classificação e catalogação”. Essa mudança também deixa clara a diferença entre as abordagens teóricas: de uma disciplina especializada, Calasans Rodrigues, ao voltar dos EUA, passa a ser encarregado de uma matéria com um enfoque mais generalista. No arquivo histórico da FBN, por sua vez, encontramos o seguinte documento:

Figura 4 - Curso de Biblioteconomia V, Departamento Administrativo do Serviço Público. Prova do 3º bimestre, 1943.

Departamento Administrativo do Serviço Público
Divisão de aperfeiçoamento
Curso de administração
Curso de biblioteconomia V
Prof. O. Calasans Rodrigues
Prova do 3º bimestre: nov.-dez. 1943

Nome do aluno - - - - -
Turma - - -
Nota: []

1ª parte

Resolução de questões, valendo cada uma pontos

1. Uma obra cujo autor nem representa-
do por iniciais, não tendo sido possível
identificar-se o respectivo nome, deve
ser catalogada sob o título ou sob
as iniciais?

Resp. - - - - -

2. Uma obra publicada sob um autor
designado por uma frase genérica como:
"Por uma reunião de professores" "Por um
amante da liberdade" "Por uma reunião
de professores", deve entrar pela fra-

Digitalizado com CamScanner

Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional - Divisão de Manuscritos.
Descrição da imagem: Folha de caderno pautada com texto manuscrito em cor preta. Contém um cabeçalho, um espaço para identificação dos alunos e a 1ª parte da prova, com duas questões.

Percebemos, assim, que, além da formação de bibliotecários-auxiliares no Curso Extraordinário do DASP, dos envios para capacitação nos EUA e dos estágios de alunos do DASP na BN, funcionários da BN também deram aulas de biblioteconomia no DASP antes da reforma do Curso de Biblioteconomia da BN, o que demonstra que o intercâmbio de conhecimentos da área entre as duas instituições era bastante profícuo. Ao comentar sobre a dita inaptidão do Curso de Biblioteconomia da BN em formar bibliotecários para demais instituições, Castro (2000, p. 82-83) afirma:

Ao compararmos [...] o nome dos funcionários admitidos na BN com a lista de alunos graduados, verificamos a baixa incidência destes. Pergunta-se: se estes alunos não eram na sua totalidade absorvidos pela biblioteca, onde atuavam? Provavelmente assumiam suas funções em outros órgãos, contradizendo a afirmativa de que somente com a reforma de 1944 o curso volta-se para capacitar bibliotecários para outras bibliotecas. Entendemos que o que houve foram mudanças nos saberes escolares que, a partir de então, não mais privilegiavam o caráter humanista e erudito, predominante na formação dos bibliotecários da BN, mas incorporaram por definitivo, no ensino, os aspectos técnicos americanos, trazidos para este contexto pelos bibliotecários, funcionários da BN, que realizaram cursos de especialização nos E.U.A como: Octavio Calasans Rodrigues, Versa Barbosa de Oliveira, Maria Antonieta de Mesquita Barros, Emmanuel Eduardo Gaudie Ley, dentre outros [...]

A reforma do Curso de Biblioteconomia da BN em 1944, portanto, solidificou um ciclo de mudança nacional composto de diversos atores. Estabeleceu-se como uma consolidação do processo de virada de direcionamento do entendimento de modernidade, da alteração do pólo de poder político e econômico mundial, e em como isso afetava o saber-fazer das bibliotecas. Antonio Dias Caetano, indicado para diretor dos Cursos da BN em 1948, apresentou no Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, ocorrido em Recife, um informe intitulado “O ensino da biblioteconomia no Brasil”. Nele, a respeito da reforma, dizia:

De nada valiam, para esses casos, os conhecimentos altamente especializados ministrados no Curso da Biblioteca Nacional. [...] este, a rigor somente preparava o bibliotecário para o exercício da profissão num determinado tipo de biblioteca: a Biblioteca Nacional. Com as exigências modernas da nova técnica biblioteconômica adotada com grande sucesso, desde o fim do século passado, nos Estados Unidos da América do Norte, o problema do ensino da biblioteconomia no Brasil teria que mudar de direção. (Caetano, 1954, p. 3)

O Curso de Biblioteconomia da BN pré-1944, portanto, foi visto como obsoleto diante da ideia de modernização pensada para o país, que agora possuía como horizonte o “imperialismo sedutor” (Lemos, 2015, p. 44) dos EUA. E o DASP, como departamento criado justamente para a reformulação do serviço público nacional, executou um papel central nessa virada de chave da biblioteconomia brasileira, ainda que muitas vezes tenha sido deixado de lado ou comentado de forma breve nos levantamentos históricos da formação de bibliotecários no Brasil. Não obstante, Oddone (2006, p. 48) afirma que, ao fim do Estado Novo, “Lydia [Sambaquy] deixou a Biblioteca do Dasp e dedicou-se principalmente ao SIC – agora sob responsabilidade da Fundação Getúlio Vargas – e ao ensino de catalogação e classificação no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional”.

De fato, o nome de Lydia aparece nos relatórios do Curso de Biblioteconomia da BN a partir de 1945, ministrando a mesma matéria de Otávio Calasans, porém voltada para o Curso Fundamental (Moraes, 1945). Cabe ressaltar que, nesse mesmo ano, foi nomeado presidente da BN o Rubens Borba de Moraes (1899-1986), cuja formação em biblioteconomia também se deu nos EUA no início da década de 1930 (Fernandes, 2022). Foi idealizador do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, que “não havia diferença significativa no padrão didático” em comparação ao Curso do DASP (Oddone, 2013, p. 85). Na BN, a partir de 1945, ou seja, pós-reforma, Rubens Borba ainda foi professor da disciplina “Bibliografia e Referência” (Moraes, 1945).

O discurso da modernidade da biblioteconomia estadunidense versus o modelo antiquado da biblioteconomia francesa na década de 1940 pode ser compreendido, no fim das contas, como parte de uma disputa geopolítica e de ideal de formação nacional. Ambos, inclusive, inseridos igualmente sob uma concepção de colonialidade do saber, que “evidencia perspectivas euro-norte-americanizadas de fazer ciência e exercer a profissão bibliotecária” (Silva, 2020, p. 121). Afinal, ambas as práticas de ensino apenas refletiam os tipos de bibliotecas e de entendimento de patrimônio que se destacavam nos países do norte global. Na França, com seu viés patrimonial histórico pós-Revolução Francesa, depositária do depósito legal (Benhamou, 2017); e nos EUA, oriunda de uma instituição legislativa, criada a serviço do Congresso (Library of Congress, [201-?]). Sobre essas incorporações à biblioteconomia brasileira, Castro (2000, p. 128) diz:

A respeito da absorção de saberes de outros países, geralmente os desenvolvidos, Amorim, em 1957, afirma que as críticas a serem feitas aos bibliotecários estavam no modo pelo qual absorviam saberes oriundos de outras nações, especialmente os E.U.A., onde a

Biblioteconomia estabeleceu-se como ciência moderna. Em consequência disso, a produção e a reflexão sobre os problemas biblioteconômicos brasileiros retratavam o caráter passivo, a aceitação e a adoção de técnicas, sem refletir se as mesmas aplicavam-se à realidade nacional.

Questionamos aqui, entretanto, a partir do desenvolvimento até então exposto, a ideia da “passividade” para a adoção das técnicas estrangeiras no ensino brasileiro. Ao contrário, vimos como o cerne da aplicação da produção de conhecimento estadunidense no país foi justamente um projeto político, buscado e concebido para além da biblioteconomia. Os atores, envolvidos em uma conjuntura de transformação global, imperialismo e ruptura nacional, adequaram-se aos cenários que lhes foram impostos dentro de uma concepção de “modernidade” e “avanço”. No caso da biblioteconomia do Rio de Janeiro, encabeçados por uma cooperação mútua entre DASP e BN.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos, com esse trabalho inicial, lançar algumas luzes na relação entre a Biblioteca Nacional e o Departamento Administrativo do Serviço Público no ensino e formação em biblioteconomia no Brasil na década de 1940. Entendemos que o Curso Extraordinário de Biblioteconomia do DASP era mais do que um curso que seguia um modelo de prática diferente do europeu aplicado na BN, tal qual foi o Instituto Mackenzie ou o do Departamento de Cultura da Prefeitura em São Paulo, mas sim um curso que se pretendia capaz de “atualizar” os bibliotecários nacionalmente com o que havia de “mais moderno” na profissão. Ou seja, a aplicação do ensino sob os moldes estadunidenses seguia uma agenda política mais ampla de construção de nação na época.

Intencionamos ainda coletar mais dados sobre o intercâmbio entre o DASP e a BN através de parte do arquivo sobre o Curso de Biblioteconomia que acompanhou a formação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), para onde o Curso de Biblioteconomia da BN migrou em 1969. As fichas de alunos que se encontram lá serão úteis para um levantamento quantitativo mais preciso de funcionários e estagiários que passaram pelo DASP em algum momento.

Entretanto, acreditamos que com as informações que adquirimos até então, em especial no arquivo histórico da FBN, já é possível começar a delinear esse processo de influência do DASP na mudança de orientação de educação profissional da BN e dos novos rumos que toma a biblioteconomia no Brasil. A influência dos EUA na capacitação do fazer

bibliotecário consolida-se, a partir daí, de tal forma que se mantém com a criação do currículo mínimo, em 1962.

Devido a essa importância do período e a existência ainda de certa lacuna de análises mais aprofundadas sobre ele, buscamos principalmente propor reflexões sobre como a história da formação em biblioteconomia, como qualquer conhecimento científico, não é composta apenas de fatos cronologicamente ordenados, mas está intrinsecamente interligada ao desenvolvimento sócio-histórico do país. Entendemos que pensar a profissão do(a) bibliotecário(a) deve também considerar as conjecturas que a envolvem em cada momento, não como períodos estanques, mas como campos em disputa e influências de poder.

REFERÊNCIAS

BENHAMOU, Françoise. **Economia do patrimônio cultural**. São Paulo: Edições SESC, 2017.

BRASIL. Decreto-Lei nº579, de 30 de julho de 1938. Organiza o Departamento Administrativo do Serviço Público, reorganiza as Comissões de Eficiência dos Ministérios e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 15168, 30 jul. 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-579-30-julho-1938-350919-norma-pe.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. Decreto nº6.416, de 30 de outubro de 1940. Regulamenta o art. 3º do Decreto-lei n. 2166, de 6 de maio de 1940. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 20512, 1 nov. 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-6416-30-outubro-1940-327499-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL, Felipe Gonçalves; CEPÊDE, Vera Alves; MEDEIROS, Tiago Batista. O DASP e a formação de um pensamento político-administrativo na década de 1930 no Brasil. **Temas da Administração Pública**, v. 9, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/125197>. Acesso em: 16 jul. 2024.

CAETANO, Antonio Dias. O ensino da biblioteconomia no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, 1., 1954, Recife. [Anais]. Recife: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, 1954.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO. **Relatório 1940**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO. **Relatório 1942**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

FERNANDES, Daniel. Biblioteconomia: Rubens Borba de Moraes, o bibliotecário bibliófilo. **BNDigital Brasil**, Rio de Janeiro, 28 mar. 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/biblioteconomia-rubens-borba-de-moraes-o-bibliotecario-bibliofilo/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: INL, 1979.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Em busca dos temas perdidos. **R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 34-50, set. 2014/fev. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/84809>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LIBRARY OF CONGRESS. **History of the Library of Congress**. Washington, [201-?]. Disponível em: <https://www.loc.gov/about/history-of-the-library/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

LOREFICE, Fulvio. Idade do jazz: aspectos da ascensão global dos Estados Unidos. **Novos Rumos**, Marília (SP), v. 52, n. 2, 21 dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8268>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MORAES, Rubens Borba. **Relatório das ocorrências verificadas e atividades realizadas durante o período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1945, e dos serviços a cargo da Biblioteca Nacional, apresentado ao Ministro da Educação e Saúde, Ernesto de Souza Campos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1945. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Manuscritos. Localização: 46,2,023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MURGUIA, Eduardo Ismael. As articulações políticas na criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). **DataGramaZero – Revista de Informação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <https://cip.brapi.inf.br/download/45799>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ODDONE, Nanci Elizabeth. O IBBB e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ODDONE, Nanci Elizabeth. Lydia Sambaquy e a biblioteca do DASP: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77-91, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/%20article/view/515>. Acesso em: 16 jul. 2024.

RABELO, Fernanda Lima. O DASP e o combate à ineficiência nos serviços públicos: a atuação de uma elite técnica na formação do funcionalismo público no Estado Novo (1937-1945). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v. 3, n. 6, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10454>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na Biblioteconomia: reflexões necessárias. In: CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 119-202.

SILVA, Manoel Cícero Peregrino da. Relatório do Director - 1902. **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 25, 1904.

SOUZA, Aurélio Lopes de. **Ofício 15 abr. 1923, Rio de Janeiro, a João Luiz Alves, Ministro da Justiça e Negócios Interiores**. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Manuscritos. Localização: 70,01,007.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de Coleções no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). **An. Bibl. Nac.**, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-220, 2010.